



Editorial

Sínodo da Amazônia: contextos e perspectivas

Desde os inícios de sua preparação, o Sínodo da Amazônia quis vislumbrar “novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral” — como diz o título de seu Documento Preparatório. A proposta, como se nota, aproxima as perspectivas missionária e ecológica — com suas especificidades e suas interfaces — já que ambas se tocam na extensão dos povos e territórios amazônicos. Em junho de 2019, este propósito afirma-se como horizonte de discussão e deliberação do Sínodo, com a publicação do *Instrumentum Laboris* em diferentes idiomas. Os 21 capítulos deste documento dividem-se em três partes: I. A voz da Amazônia, II. Ecologia Integral: o clamor da terra e dos pobres, III. Igreja profética na Amazônia: desafios e esperanças.

À sua conclusão, em 27 de outubro de 2019, o Sínodo publicou o Documento Final, com 17 tópicos distribuídos em cinco capítulos: I. Amazônia: da escuta à conversão integral, II. Novos caminhos de conversão pastoral, III. Novos caminhos de conversão cultural, IV. Novos caminhos de conversão ecológica, V. Novos caminhos de conversão sinodal. Os termos anunciam propostas e pedem atenta recepção, num processo que marcará, certamente, os *caminhos* da Igreja doravante — como destacam os títulos.

Além dos conteúdos e proposições em campo missionário, cultural, ecumênico, ministerial, inter-religioso, social e ecológico — cuja análise supera as páginas desta edição — o Sínodo agrega um resultado a mais, estratégico para a consolidação de uma eclesiologia de comunhão: a própria sinodalidade. Inverte-se, assim, o que poderia ser a percepção funcional mais espontânea: não é o Sínodo que faz a sinodalidade, mas a sinodalidade que faz o Sínodo — e, pode-se dizer ainda — a sinodalidade faz uma *Igreja em Sínodo*. Não apenas uma Igreja que convoca e celebra Sínodos, mas uma Igreja em estado de

Sínodo, com seus variados sujeitos congregados (*syn*) no caminho (*hodos*), em permanente conversão e saída missionária. Este será, provavelmente, um importante legado temático e paradigmático desta Assembleia Especial do Sínodo dos Bispos para a Região Pan-Amazônica.

Com os olhos atentos a esses sinais e processos, autores e autoras compartilham neste número de *Pistis & Praxis* sua reflexão crítica, esperançosa e propositiva em face do Sínodo da Amazônia. Abre o dossiê, o missiólogo Roberto Tomichá Charupá (Universidad Católica Boliviana) com o artigo “Espiritualidades descoloniales en perspectiva indígena: algunos presupuestos y desafíos”. Diante do desflorestamento, da poluição e das agressões sofridas pelas populações, as organizações indígenas e as comunidades cristãs avivam sua memória e levantam suas vozes em defesa das pessoas e dos territórios amazônicos, valorizando sua sabedoria e espiritualidade ancestral. Com tal postura, vivem uma espiritualidade descolonial (decolonial ou pós-colonial, observa o autor), inspirada pela *parresía* do Espírito Santo, em vista da convivência entre os povos e destes com a Mãe Terra.

Antônio José de Almeida, perito em teologia dos ministérios (Diocese de Apucarana, PR, Brasil) nos brinda com sua pertinente reflexão sobre as “Milhares de comunidades sem eucaristia” que “interpelam o Sínodo da Amazônia”. Há inúmeras comunidades católicas da região amazônica que só esporadicamente podem participar da celebração eucarística, devido às distâncias e à falta de presbíteros disponíveis, o que configura uma situação teologicamente anômala e pastoralmente inquietante — já que o sacramento da Eucaristia é essencial para a edificação da Igreja Corpo de Cristo, como professa a Igreja segundo a fé apostólica. O autor sugere, então, que as comunidades católicas formadas pela Palavra de Deus, com provada caminhada eclesial e dotadas de ministérios não-ordenados, sejam munidas de presbíteros próprios, que — devidamente ordenados — presidam a comunidade e, conseqüentemente, a Eucaristia ali celebrada. O autor serve-se de fonte bíblica, histórica e magisterial em sua proposta, aproximando-se, em seguida, do Documento Preparatório do Sínodo, em que a Igreja mostra-se ciente desta realidade pastoral desafiadora. Com efeito, tendo presente “as áreas mais remotas da região amazônica”, o mesmo documento sugere que “se estude a possibilidade da ordenação sacerdotal de anciãos, de preferência

indígenas, respeitados e reconhecidos por suas comunidades, mesmo que tenham uma família constituída e estável, com a finalidade de assegurar os Sacramentos, que acompanhem e sustentem a vida cristã” (Documento Preparatório n. 126 e 129). O artigo objetiva explicitar os fundamentos desta possibilidade e iluminar sua execução.

A terceira contribuição nos vem de Nadi Maria de Almeida (PUCPR), teóloga com experiência missionária *ad gentes*, e Agenor Brighenti (PUCPR), teólogo de larga atuação pastoral e participante da assembleia sinodal. Ambos tratam do “Sínodo da Amazônia: novos caminhos para a igreja e para uma ecologia integral”. Seguindo a metodologia usada na preparação do Sínodo, o artigo dá voz a três grandes clamores oriundos da Amazônia e sua gente: o grito que vem das águas, o grito que vem da flora e da fauna e o grito dos povos amazônicos. A reflexão aponta, enfim, para um modelo de evangelização em chave decolonial, em respeito à diversidade étnico-cultural dos povos amazônicos e seu valioso patrimônio ecológico.

Outra dupla de autores reflete sobre “Uma igreja sinodal e *em saída* na Amazônia”: os missiólogos Joachim Andrade (PUCPR) e Estêvão Raschietti (Centro Cultural Conforti), tratam dos “maiores desafios apontados por Bispos do Brasil” a esta *saída* missionária, recolhidos no processo de preparação do Sínodo da Amazônia. Como destacado no Documento Preparatório, a preocupação maior dos bispos é a vida dos povos e a missão da Igreja no contexto amazônico: cuidado e defesa da ecologia, afirmação de uma evangelização inculturada, acesso das comunidades eclesiais aos sacramentos, efetiva participação das mulheres, adequada formação dos evangelizadores e consolidação das comunicações na região.

O quinto artigo aproxima religião e análise institucional, ao tratar sobre “O Sínodo da Amazônia e os dilemas do Catolicismo”. Assinam a reflexão três autores: Emerson José Sena da Silveira (Universidade Federal de Juiz de Fora), cientista da religião com pesquisa desenvolvida no Pará; Marcos Vinicius de Freitas Reis (Universidade Federal do Amapá), sociólogo com atuação e pesquisas sobre Amazônia, e Fábio Py Murta de Almeida (Universidade Estadual do Norte Fluminense), teólogo com pesquisas sobre religião e sociedade. Os autores analisam as propostas do Documento Preparatório do Sínodo da Amazônia e as reações manifestas dentro e fora da Igreja Católica

que — entre diferentes posicionamentos — assinalam a importância social, ecológica, econômica, cultural, política e religiosa deste Sínodo, que traça as linhas do rosto católico na Amazônia.

O dossiê temático se encerra com as considerações de Moab César Carvalho Costa (Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão), historiador e pesquisador da Rede Latino-Americana de Estudos Pentecostais (RELEP). Seu artigo destaca “O Sínodo para a Amazônia” como um evento “marcado pela escuta e pela alteridade”, sendo uma percepção direta dos trabalhos sinodais — dos quais o autor participou como delegado fraterno da parte das Igrejas Pentecostais clássicas. De início, o autor retoma Michel De Certeau com sua proposta sobre a alteridade e o diálogo, no intento de superar atitudes colonizadoras em face das culturas, tão diversas. Do pensador Certeau ao Papa Francisco dá-se uma longa conexão entre jesuítas, com a peculiaridade de Francisco ser o primeiro pontífice latino-americano na história da Igreja Católica. Considerando a convicção ecumênica do Papa e a presença pentecostal no território amazônico, o autor enfatiza a *teologia da amizade* como disposição de encontro e diálogo com a Igreja Católica.

Na sequência do dossiê, uma série de artigos ilustra este número de *Pistis & Praxis*. Érico João Hammes (PUC RS) discorre sobre “Cristologia e diálogo entre as religiões na busca da paz em Claude Geffré”. O autor concentra-se na perspectiva cristológica de Claude Geffré — o Verbo encarnado como sacramento de uma economia salvífica mais vasta — destacando sua relevância para o diálogo entre as diferentes tradições religiosas, em busca da paz.

Adriano Lima (FABAPAR) e Bernardo Campos (ITE Peru) propõem “O conceito de pentecostalidade” como “contribuição pentecostal para a unidade da Igreja”. Os autores constatarem que em toda comunidade professante cristã há uma *pentecostalidade* incluída; assim, este conceito e seus desdobramentos não se restringem às denominações pentecostais, mas podem contribuir para a unidade da Igreja, em dinâmica ecumênica.

Saulo Pamato (UNISUL), por sua vez, reflete sobre “A influência do discurso filosófico de Nietzsche na reestruturação do conceito de eclesiologia na contemporaneidade”, aproximando filosofia e teologia no contexto da Modernidade Crítica.

Em seguida, Matthias Grenzer e Fernando Gross (PUC-SP) oferecem uma contribuição bíblica à Ecoteologia, com seu artigo sobre as “Leis deuteronomicas favoráveis à preservação da fauna e flora”. Os autores releem as formulações jurídicas no Decálogo (Dt 5,6-21) e no Código Deuteronomico (Dt 12–26), a fim de descrever, por meio de um estudo exegético, o conteúdo das leis deuteronomicas que, a partir do fim do século VII a.C., insistem na preservação da fauna e da flora.

Este número se encerra voltando ao território amazônico, com um grupo de pesquisadores de Macapá: Piedade Lino Videira, Elivaldo Serrão Custódio, Elivelton Inajosa da Silva e Luã Bueno Alho (UNIFAP), com o artigo “O centenário de uma riqueza cultural: festa de São Sebastião em Jarilândia, distrito de Vitória do Jari/Amapá”. Trata-se de uma pesquisa de campo sobre religiosidade popular, com a colaboração de moradores mais antigos da comunidade de Jarilândia (Amapá). Os autores aplicaram atento olhar interdisciplinar (Teologia, História, Pedagogia) na valorização do acerto religioso popular. Os resultados indicam que o mencionado Distrito apresenta características culturais e religiosas peculiares: musicalidade africana, ladainhas de herança católica e culinária própria, numa criativa síntese amazônica.

Este número marca, ainda, a conclusão das atividades editoriais, nesta revista, do Prof. Marcial Maçaneiro — do Programa de Pós-Graduação “*stricto sensu*” em Teologia da PUCPR — a quem os(as) colegas docentes, a equipe de edição, os Programas parceiros e os(as) leitores(as) agradecem. Assume a função de editor-chefe, a partir de agora, o Prof. Waldir Souza, do mesmo Programa da PUCPR. A ele e aos colaboradores diretos, nossos votos de um profícuo desempenho, na promoção e publicação das pesquisas em Teologia e Estudos da Religião em geral — das quais *Pistis & Praxis* tem sido uma portavoiz de qualidade.

AGENOR BRIGHENTI

MARCIAL MAÇANEIRO

WALDIR SOUZA